

REPUBLICA

Orgam do Partido Republicano Catharinense

ANNO XVIII

FLORIANOPOLIS

Sabbado, 24 de Março de 1923

SANTA CATHARINA

NUM. 1306

Cruz e Souza

O meu primeiro encontro com Cruz e Souza deu-se teria em doze annos e elle dezeseite. Foi em 1876, em Florianopolis, capital do Estado de Santa Catharina. Celebrava-se o anniversario de um dos dois theatrinhos de rapazes que lá então existiam, cujos nomes não me occorrem agora. Um tinha a sua sede a antiga rua do Principe (hoje Conselho Mafra) ao réz do chão do sobrado do antigo capitão de navio e capitalista Manoel Moreira da Silva, principal chefe do partido conservador da provincia; o outro a rua da Paz (actualmente Conselho Jerônimo Coelho) no porão da residencia do sr. A. Fialho, conferente da Alfandega. Deste era orador Cruz e Souza e daquelle o subscriber desta chronica, a quem coube saudar, em nome da sua sociedade dramatica, a directoria da outra. Respondeu-lhe Cruz e Souza.

Desde então nos fizemos amigos. Mas em janeiro do anno seguinte embarquei para aqui a matricular-me no Collegio Naval, com destino a Marinha de Guerra. Volvi a provincia dois annos depois, partindo de novo para aqui, passados mezes. Nos fins de 1891 estava de novo em Florianopolis, após deixar os estudos e consumir dois annos na bohemia do mar, como praticante de piloto, em navios mercantes, em viagens ao Prata, a Havana e ás ilhas de Cabo Verde.

Logo ao dia da minha chegada visitou-me Cruz e Souza. E passamos essa tarde e boa parte da noite a palestrar sobre letras, lendo-me elle com entusiasmo suas mais recentes produções em verso. Dias depois dedicava-me uma delleas, pela «Regeneração». Era de uso corresponder a tal fineza no mesmo genero, podesse ou não podesse o homenageado. Como responder aquella graça se eu nunca havia manejado uma penna, sobretudo em verso?

Afflicto e só, sem ninguém a quem consultar, suppliciei-me horas e horas a perpetrar uns versos. Consegui, por fim, produzir duas ou tres estrophes que me pareceram soffríveis e lá mandei com uma carta, á redacção da mencionada folha.

No outro dia appareceu Cruz e Souza, expansivo e alegre, a agradecer e abraçar-me. Eu corava a desculpar-me como podia, enquanto elle, communicativo e a risse dizia-me:

—Não. Estreitei muito bem. Não esperava tanto. Agora, é proseguir com coragem...

E assim me fiz escrevinhador, entrando a cultivar a prosa em que me senti melhor e na qual permaneci até hoje.

Cruz e Souza apresentou-me em seguida a Santos Lostada, empregado no commercio, numa casa que passou logo a ser o nosso primeiro Cenaculo. Ah! nasceu-nos a idéa de publicarmos um pequeno hebdomadario literario. Immediatamente passamos á acção. E o 1.º numero do «Colombo» sahio, com um artigo de apresentação da lavra dos tres, um romancete inédito de Cruz e Souza, uma poesia de Santos Lostada e uma poesia minha que era simplesmente pessima, e da qual ainda hoje tenho remorso.

Cruz e Souza fora creado e educado pelo illustre marechal catharinense Guilherme Xavier de Souza, um dos grandes heroes do Paraguay, de quem seu pae, que tinha o nome daquelle marechal, e sua mãe Carolina de Souza haviam sido escravos. A sua infancia decorrerá, sob todas as confortos e carinhos, no palacete e imensa chácara dessa personagem, uma das vivendas mais graciosas de Florianopolis, situada no antigo e amplo largo da Maçonaria. Por sua morte o marechal deixou um pequeno legado em dinheiro aos paes de Cruz e Souza, e uma parte do seu velho solar. Ah! passei eu horas durante alguns annos, com Cruz e Souza, a ouvir os seus bellos versos á sombra das velhas e copadas mangueiras que pautavam e sombreavam deliciosamente as aleas desertas desse vasto parque.

Cruz e Souza, acabado o curso dophase ppsychologica e politica da vida Atheneu, abriu em sua casa uma aula nocturna para adultos e, durante o dia, leccionava, aqui e alem, pelos lares, que lhe pediam ensinamento, graças á fama de «grande talento com que o haviam abroquelado dois dos professores mais notaveis dessa instituição de ensino secundario—Fritz Müller, eminente naturalista e mathematico allemão, que foi correspondente do nosso Museu e um dos celebres colaboradores de Darwin, autor dos melhores estudos que se conhecem sobre a flora e fauna catharinenses, e o padre Leite de Almeida, venerando humanista, profundamente versado em linguas orientaes, os quaes o tiveram, durante todo o curso como «discipulo amado» e de quem disse o primeiro, uma vez em aula:

—João da Cruz, tu estás um grande talento e tu vaes ser na futuro, um home illustra da Brasil.

Nas horas em que não leccionava Cruz estava sempre commosco—commigo—Lostada—na casa de commercio em que este trabalhava. Os primeiros artigos para o «Colombo» ahi foram escriptos, no meio da algazarra dos freguezes e das nossas palestras literarias, tomando tambem parte nelleas dois filhos do patrão—Horacio e Adolpho de Carvalho, então preparatorios que se destinavam a cursos superiores; chegando o primeiro a fazer dois annos da Faculdade de Medicina. Horacio especialmente, foi um dos nossos mais queridos camaradas até 1890, em que com a minha partida para aqui, seguida da de Cruz e Souza e Horacio de Carvalho, se desolveu esse pequeno grupo literario denominado por nos mesmos «A Guerrilha de letras catharinenses».

Antes disso, porém, a «Guerrilha» collaborara longa e activamente nas principais folhas diarias de Florianopolis, como a já citada «Regeneração», «Jornal do Commercio», «Despertador», «Tribuna Popular», e outras mantendo uma folha caricata, intitulada «O Moleque», de que era proprietario Pedro Paiva, um talentoso joven portuguez empregado no commercio, cuja paixão pelo jornalismo e as letras levou-o dentro em pouco ao seio da «Guerrilha», onde se tornou queridissimo e onde logo lançou a idéa do citado jornal caricato, para o qual desde logo alugou casa, comprou uma machina de impressão litographica, uma pequena typographia e, fazendo-se elle proprio impressor, lançou o primeiro numero redigido e desenhado pelo autor destas linhas.

Cruz e Souza estava então em excursão pelo norte do paiz, como secretario da Companhia dramatica Julieta dos Santos dirigida por um dos nossos melhores companheiros Moreira de Vasconcellos (Francisco), que além de actor de grande merito, era já poeta e prosador de renome, e dramaturgo que deixou mais de trinta obras de valor entre as quaes o drama «O descobrimento do Brasil», escripto para commemorar o tricentenario dessa data gloriosa da nossa historia e que foi premiado pelo governo da Bahia, em concorrência com muitas outras obras que nesse sentido ali appareceram, entre as quaes uma firmada pelo illustre «conteur» e romancista Xavier Marques.

Na administração Gama Rosa (1883-84) Cruz e Souza regressava da sua excursão ao norte do Brasil. Cruz voltou á terra natal, já não encontrando no governo o eminente politico e pensador que tão espontaneamente protegera as letras catharinenses chamando para seus officios de gabinete, apenas chegara á provincia e assumira o seu cargo, a mim e a Santos Lostada, tendo, logo depois, telegraphado para a capital do Pará offerecendo ao grande poeta dos «Pharões» o logar, que, por este tempo, vagára, de promotor publico de Itajahy. Cruz não se sabe bem por que, agradeceu mas não aceitou o offerecimento.

Durante o governo do dr. Gama Rosa, que marca a mais brillante

phase ppsychologica e politica da vida catharinense dos fins do Imperio, a «Guerrilha» teve a sua grande phas ascensional e de suprema expansão.

Sobre essa época e o grupo de artistas da palavra escripta que nella se assignalavam escreveu João do Rio (Paulo Barreto) uma das suas mais suggestivas chronicas, de onde destacamos o seguinte pequenino e expressivo trecho referindo-se especialmente a Cruz e Souza.

«Elle pertencia áquella época em que o dr. Gama Rosa, presidindo Santa Catharina, deu ao Brasil uma fornada de lettrados».

A sua volta, Cruz e Souza entrou a redigir commosco a «Tribuna» e «O Moleque», esmaltando brillantemente as suas paginas com uma prodigiosa produção de artigos e versos admiráveis que eram brillantemente transcriptos, de sul a norte, pela imprensa de todo o Brasil.

Data dahi um grande numero de trechos de prosa de que se compõe o seu primeiro livro publicado—«Mistral».

Quando eu e Cruz e Souza de parceria e na mais fraterna camaradagem redigíamos a «Tribuna Popular» entrou para a «Guerrilha» Oscar Rosas, que passou a collaborar assiduamente naquella folha com as suas interessantissimas correspondencias e os seus originaes e magnificos versos.

E então todo o velho mundo jornalístico e romantico de Santa Catharina foi abalado de «fond em comble». E subito as «sovas» e malquerenças entraram a chover sobre nós, desapidadamente, sobre nós que lançávamos o incendio e o terror por toda a parte, como diziam os nossos adversarios, mas que logramos de certo modo modificar os velhos usos e costumes foscis da terra, dando-lhe um arcabouço social novo e formas originaes e bellas, sem duvida, ao seu jornalismo e letras.

Luiz Delfino á época, quasi inteiramente esquecido e em quem já nem os parentes e velhos amigos falavam, voltou a radiar então quasi diariamente pelas columnas dos nossos jornaes pioneiros, qual a «Tribuna» e «O Moleque», e por aquelles em que mais ou menos dominávamos como «A Regeneração» e o «Jornal do Commercio».

Entraram então para o nosso grupo o velho e grande jornalista e orador politico Elysen Guilherme, actual deputado federal, Lydio Barbosa, ao tempo muito joven, tambem jornalista e tribuno que entrava de assignalar-se pela sua fremente e tanaz propaganda republicana, Araújo Figueiredo, habil desenhista e encantador e admiravel poeta das «Praias da minha terra», Carlos de Faria e outros, e alguns mais que lá estão, numa cohorte promissora e luminosa, a trabalhar o filão de ouro precioso do decadismo e futurismo.

Publicamos ahi, na phase chamada por nos emphaticamente de «Era da Tribuna Popular», como para assignalar justa e convenientemente; publicamos ahi Cruz e Souza e eu, uma pequena brochura literaria «Tropos e phantasias», o nosso primeiro livro, que tanta emoção nos deu, sobretudo depois que Araripe Junior e Eduardo Salamonde, bem assim as principais folhas de Lisboa e Porto, delle se occuparam tão generosa e fulgidamente.

Cruz e Souza habitava nesse tempo a Praia de Fôra—o bairro mais pittoresco e fidalgo de Florianopolis—num largo que abre para o mar, onde ha uma ponte sobre um ribeiro ou riacho que vem por um valle colgando entre collinas, e que tem ao fundo, sobre um pequeno outeiro arborizado, a capellinha de S. Sebastião.

Nesse largo, fechado junto ao mar por duas vivendas fidalgas de ricos negociantes allemães e atravessado pela rua Quintino Bocayuva, ficava, para além da ponte a «meia-agua» rustica desse meu querido e illustre companheiro de infancia e de letras.

Ahi, pela tarde, quasi diariamente,

nos reuniamos todos, eu, Horacio e v. exa, pela passagem, hoje, da data de Carvalho, Santos Lostada, Carlos de Faria (bello poeta que morreu muito moço na Laguna) e Araújo Figueiredo, em palestras e leituras literarias inolvidaveis.

Era á sombra de uma grande arvore que á margem daquelle riacho se debruçava alegremente e que, uma vez fechado o pequeno desagudouro ou embocadura, pela época das marés baixas ou pequenas marés espalhava nagua em commun a sua larga fronde rendilhada, que dansava e zoeirava ao vento.

Os que passavam olhavam-nos curiosamente, pasmos da nossa algazarra incessante, dentre a qual subiam para o céu, em esfuziadas, como flechas de ouro ou foguetes de gala, os nomes refulgentes dos prosadores e poetas que mais amávamos e nos eram supremos guias—Flaubert, Zola, Daudet, os Goncourt, Richopin, François Coppée, Rollinat, em França, e Eça, Ramalho, Guerra Junqueiro, Anthero de Quental, Macedo Papança, Oliveira Martins e outros, em Portugal.

O publico ficou chamando desde então a tal arvore, para a assignalar convenientemente ou, quem sabe? pejorativamente—«Arvore dos Poetas».

Elle deve ainda lá estar, enxameada de passaros, batida de sol, a espelhar-se no seu ribeiro querido, já esquecida, talvez, do esturdioso grupo de juvenis sonhadores e poetas que tanto e tanto a amaram, e que hoje, já velhos e desiludidos de tudo, morto o seu companheiro adorado, o grande Poeta Negro, só a vem pela imaginação, pela lembrança através a nevoa da sua saudade.

Em fins de 1891, Cruz e Souza vem, de vez, para e Rio.

Ja lhe tinham morrido pae e mãe, pobres e santos velhinhos!

Ja lá tambem não havia um só dos seus grandes e queridos amigos. Luiz Delfino, Oscar Rosas, Araújo Figueiredo e eu, estávamos cá, todos (á excepção do primeiro, que era já quinquagenario e rico) a mourear pela vida, cheios de esperanças e sonhos. Lostada advogava em Itajahy, Lydio Barbosa, que tinha feito a Republica em Santa Catharina, pelo seu verbo e os seus artigos arrojados, apenas burocratizava obscuramente na cidade onde nasceu Lauro Muller.

Cruz aqui chegou, e ficou. Mas o que soffreu, pobre delle!

Felizmente fez a sua obra, creou uma escola e deixou amigos.

Esses amigos são os que sempre o cercaram, o ampararam carinhosamente. Elles ahi estão e o apothosam hoje.

Bendictos sejam!

Virgílio Varzea

Centenario de Florianopolis

O sr. dr. Abelardo Luz, superintendente municipal, recebeu os seguintes telegrammas de cumprimentos, por motivo da passagem, a 20 do corrente, do centenario da cidade:

Fpolis, 20. Minhas congratulações pela passagem do primeiro centenario da nossa Capital cuja administração com tão elevado criterio e patriotismo vem superintendendo—Adolpho Konder.

Fpolis, 20. Com a maxima satisfação vos apresento meus cumprimentos e sinceras felicitações pela festiva data que hoje se commemora—Ferreira Lima.

Fpolis, 20.—O Inspector e funcionarios da Alfandega congratulam-se com v. exa. pela passagem do 1.º centenario da elevação á cidade desta gloriosa terra. Cordeas saudações—F. Abdon de Arroxellas.

Fpolis, 20. A Força Publica do Estado apresenta a v. exa. sinceras e effusivas felicitações pelo motivo do centenario que hoje transcorre. Attenciosas saudações—Tenente-coronel Nascimento Lins, commandante.

Fpolis, 20.—Congratulome com v. exa. pela passagem do centenario da memoravel data que assignala a elevação do Desterro á categoria de cidade Saudações—Edmundo Moreira.

Joinville, 20. Congratulome com

nos reuniamos todos, eu, Horacio e v. exa, pela passagem, hoje, da data de Carvalho, Santos Lostada, Carlos de Faria (bello poeta que morreu muito moço na Laguna) e Araújo Figueiredo, em palestras e leituras literarias inolvidaveis.

Itajahy, 20.—Sinceras felicitações pelo centenario da nossa encantadora e hospitaleira capital—Brandão.

Itajahy, 20.—Queira v. exa. aceitar minhas congratulações pela comemoração do primeiro centenario a elevação de Florianopolis a cidade. Marcos Konder, superintendente.

O Conselho Municipal recebeu os seguintes:

N Trento 20. Em nome deste Conselho, apresento congratulações pela passagem do primeiro centenario da nossa capital elevada á categoria de cidade. Saudações.—Miguel J. de Oliveira, Presidente do Conselho.

Tubarão, 20. Felicitações os illustres collegas pela grande data em que festejam o centenario da cidade de Florianopolis. Attenciosas saudações.—Antonio Medeiros, Simião Esmeraldino, Pedro Castro, Manoel Teixeira Raymundo Tonon e Severiano Correa.

E' o alcool um alimento?

A Associação Internacional Anti-alcoolica pede-nos a publicação do seguinte:

«Conforme dissémos em nosso artigo anterior, trataremos hoje do alcool sob o ponto de vista alimentar. Dêmos, em primeiro lugar, a palavra ao illustre scientista brasileiro dr. Alberto Seabra:

«Durante muito tempo o pensamento scientifico permaneceu indeciso, oscillante acerca das modificações por que passa o alcool no organismo.

Uns entendiam que aquella substancia se oxydava e que daquella oxydção resultava a produção de acido carbonico e de agua, enquanto outros autores entendiam que elle apenas atrevesava o organismo mais ou menos lentamente, sem se modificar. O dr. Bientait, de Liege, demonstrou que elle á destruido na intimidade dos tecidos, sem que entretanto deva ser considerado como alimento.

Para que uma substancia seja considerada physiologicamente como alimento são necessarias as seguintes condições:

- 1.—que ella seja assimilavel;
- 2.—que se oxyde, e que o resultado desta oxydção seja a produção de energias (effeito calorico, dynamico, etc), necessarias á manutenção da vida;
- 3.—que excede desta substancia não aproveitada immediatamente possa ser depositado no corpo sob a forma de materias de reserva, de provisões utilisaveis em um dado momento;
- 4.—que esta substancia nunca seja prejudicial.

A carne, o pão, os ovos, o leite, etc., correspondem integralmente a esta concepção, mas o alcool nunca. Que importa que seja elle destruido no corpo humano e que produza calorías, se estas calorías não são aproveitadas para augmentar a força muscular? Não contribue, portanto, para a manutenção dos actos vitaes.

Demais é um toxico terrível, ainda que lento, e que não limita a sua acção malefica á degeneração geral dos nossos orgaos; estende-a ainda aos seres futuros que existem em nós, aos nossos descendentes.

O alcool, não é, pois, um alimento. Assim se exprime o conhecido medico em seu suggestivo livro

«O PERIGO ALCOOLICO».

Si esta insidiosa substancia, embora não alimentando, não intoxicasse os nossos orgaos todos, produzindo lesões profundas e que são ainda transmittidas á prole, nenhum inconveniente haveria do seu uso. Mas, infelizmente, assim não é.

O alcool, mesmo em doses pequenas, moderadas, que parecem não poder fazer mal algum, é nocivo.

E o povo ignorando a potencia desse liquido nefasto, é facilmente levado a crer em suas virtudes, virtudes essas que os vendeiros não cançam de apregoar, avidos de lucros e indifferentes á consequência do consumo de seu producto.